

## BOOK REVIEW

### “CANIVETES SUÍÇOS” OU HUMANOS QUE TRADUZEM EM CONTEXTO BÉLICO

Isabel Araújo Branco\*

CHAM-Centro de Humanidades (NOVA FCSH – UAc)

**Lenguas entre dos fuegos: intérpretes en la Guerra Civil española (1936-1939)**, Jesús Baigorri Jalón, Granada, Editorial Comares, 2019, 232 pp, 21,37€, ISBN 978-84-9045-840-2.

*¡Otra maldita novela sobre la Guerra Civil!* é o irónico título do romance publicado em 2007 por Isaac Rosa, um dos mais destacados escritores espanhóis contemporâneos. Irónico, porque dá voz a uma certa saturação do público em geral face a uma avalanche de narrativas sobre o conflito que opôs, em Espanha, partidários do governo republicano eleito e sublevados nacionalistas-fascistas entre 1936 e 1939, num conflito que se transformou num prelúdio da II Guerra Mundial. Mas, apesar da profusão de novelas e romances, Rosa considera que continuam a ser necessárias obras sobre o tema, “novelas que iluminen las muchas zonas de sombras que todavía existen en aquellos años –y en su prolongada onda expansiva: dictadura, transición y democracia–”, ficções que “nos ayuden a saber de dónde venimos, quiénes somos, cómo hemos llegado hasta aquí, y cómo podemos transformar nuestro tiempo” (p. 14) – como lemos em “Y pese a todo, necesitamos más novelas sobre la Guerra Civil”, prólogo a *La Guerra Civil como moda literaria*, de David Becerra Mayor.

Um leitor menos atento poderia fazer um comentário semelhante ao do título de Rosa ao deparar-se com *Lenguas entre dos fuegos: intérpretes en la Guerra Civil española (1936-1939)*, de Jesús Baigorri Jalón, dado o volume de estudos de carácter historiográfico sobre o conflito já existente. Contudo, chegará rapidamente à mesma conclusão que Rosa, dado que este livro é inovador e aborda um tema relevantíssimo, fruto de uma investigação árdua e impressionante levada a cabo pelo seu autor – docente da Universidade de Salamanca e um dos maiores especialistas do mundo em história da interpretação de conferência –, que se reflecte nas dezoito páginas finais de referências bibliográficas e que incluem 33 arquivos físicos e digitais espanhóis, franceses, alemães, russos, ingleses, suíços, italianos, norte-americanos, holandeses e suecos. Esta investigação foi dificultada também pela falta de fontes em relação ao trabalho de tradução oral que foi desenvolvido por intérpretes de ambos os lados do conflito ao longo de três intensos anos, num ambicioso projecto que pretende reconstruir a história da actividade da interpretação num cenário particular, em que se torna ainda mais evidente como a língua é um instrumento de guerra, especialmente num contexto que envolveu milhares de estrangeiros, de dezenas de nacionalidades, integrados nas Brigadas Internacionais de apoio à II República e na Legião

---

\* ibranco@fcsch.unl.pt

Condor e Bandeira irlandesa (entre outros) em intervenção a favor dos nacionalistas. Como comenta Baigorri Jalón, “muchas acciones llevadas a cabo a diferentes niveles y en muy distintos entornos no habrían podido tener lugar sin intérpretes” (p. 7).

Este é, pois, um livro importante para compreender de outro prisma o complexo panorama da Guerra Civil, conflito com repercussões directas e indirectas em Espanha e no resto do mundo, e que acaba por se tornar especialmente pertinente hoje em dia, com a crescente onda de extrema-direita na Europa e noutras partes do planeta. Escrito de forma clara e apelativa, esta obra é dirigida a um público geral e não apenas a académicos, abordando temas variados e relevantes, apresentando exemplos esclarecedores e introduzindo os inúmeros matizes existentes naquele intrincado cenário e que se revelaram cruciais no dia a dia de quem intervinha no conflito. Baigorri Jalón utiliza a imagem do canivete suíço para caracterizar os intérpretes em campo, pelo facto de não se limitarem a fazer tradução oral, mas ampliando as suas tarefas em função das necessidades concretas que se colocavam nos contextos em que se integravam. Aliás, ser intérprete não tinha de ser a função inicial ou principal do indivíduo, sendo esta missão tantas vezes assumida de forma improvisada. Este livro aborda aspectos tão diversos como as línguas traduzidas e as técnicas utilizadas; as condições de trabalho; o pagamento de salários e outras compensações; a formação e a selecção de intérpretes; a integração em unidades civis ou militares; a forma como se improvisavam soluções; os choques culturais e a superação de clichés; as reflexões éticas; a actuação na frente de guerra, nos hospitais, nos tribunais, nas prisões e nos campos de concentração; a actividade em geral sem registo escrito que se transformaria em anónima.

É possível apresentar uma tipologia de intérpretes envolvidos na Guerra Civil? Não é fácil, dada a heterogeneidade encontrada entre os mais de mil indivíduos identificados, mas o autor vai esboçando uma caracterização colectiva muito clara ao longo do estudo, de modo que no último capítulo, quando resume os traços gerais que estas pessoas partilham, as suas particularidades são já claras para o leitor. Há civis com formação em tradução integrados na hierarquia militar, mas igualmente operários ou outros trabalhadores com poucos conhecimentos académicos, pessoas cultas, contrabandistas e filhos de migrantes, entre muitos outros. Em geral são jovens (como jovens são a maioria dos combatentes) e homens, mas há um número “excepcionalmente significativo de mujeres, en particular entre el limitado contingente soviético” (p. 162), especialmente quando comparada “con la escasa presencia de mujeres en esas funciones lingüísticas en conflictos bélicos previos” (p. 163).

Neste ponto reside outro aspecto que se revela de particular interesse para o leitor em 2020, nomeadamente o espanhol, vivendo numa sociedade marcada por fortes movimentos feministas e pela recuperação de escritoras, artistas e intelectuais espanholas precisamente da época sobre a qual trata este livro (a II República e a Guerra Civil), como é o caso de “Las Sinsombrero” ou o exemplo particular de Luisa Carnés. Entre outros temas, encontramos, pois, em *Lenguas entre dos fuegos*, diferenças culturais e sociais entre pessoas de diferentes nacionalidades, nomeadamente em relação à forma como a mulher

é encarada por espanhóis e soviéticos e os diferentes direitos e práticas sociais, como o pagamento (ou não) de salário e de subsídio de maternidade.

Nos últimos anos tem vindo a ser defendida por diversos historiadores, sociólogos, críticos, jornalistas e políticos a necessidade de repensar a História de Espanha, em particular a Guerra Civil, rescrevendo-a de modo a torná-la cada vez mais polifónica e a incluir aqueles que foram tradicionalmente excluídos: perdedores, mulheres, presos, exilados etc. Este livro contribui também para isso. Recordemos, em conclusão, as palavras de Baigorri Jalón:

(...) el triunfo de los rebeldes y su permanencia en el poder durante cuatro décadas significó la plasmación en la historiografía española de una versión oficial de la historia que solo dio voz a un bando e impuso el silencio a los vencidos, hasta en sus hogares, donde durante décadas se habló entre susurros vacilantes solo en momentos en los que se superaba un miedo crónico. De ahí que durante muchos años tuviéramos que aprender sobre nuestra propia guerra a partir de las investigaciones llevadas a cabo en el extranjero, que –por razones obvias– no siempre eran de fácil acceso en las bibliotecas de los departamentos de Historia Contemporánea de la España franquista.” (p. 11)

**Sobre a autora:** Isabel Araújo Branco é Professora Auxiliar na NOVA/FCSH. É doutorada em Estudos Literários Comparados com a tese “A recepção das literaturas hispano-americanas na literatura portuguesa contemporânea: edição, tradução e criação literária”, com que recebeu o Prémio Científico Internacional Mário Quartin Graça. Coordena o Grupo “Cultura, História e Pensamento Ibéricos e Ibero-Americanos” do CHAM-Centro de Humanidades.